

Fareed Zakaria

Como vencer Putin economicamente

Se o objetivo é reduzir o lucro russo com o petróleo, a estratégia é deixar que ele flua e os preços caiam

- O Estado de S. Paulo.
- 15 Oct 2022
- COLUNISTA DO 'WASHINGTON POST', PASSA A SER PUBLICADO NO 'ESTADÃO' AOS

SÁBADOS Fareed Zakaria TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO



O maior perigo para os EUA é que parte da guerra econômica é travada usando o dólar como arma. Fiona Hill, uma distinguida especialista em Rússia, tem argumentado que a confrontação do Ocidente com a Rússia pela Ucrânia nos trouxe à 3.^a Guerra. Trata-se de uma hipérbole perigosa. O que tornou as duas guerras mundiais tão devastadoras foi as principais potências de então empreenderem entre si um conflito direto e delongado. Não vemos esse tipo de batalha hoje; e, com as armas nucleares, dá calafrios até mesmo pensar a respeito da trajetória de uma guerra entre grandes potências. Mas ela está certa em um sentido: o Ocidente está travando coletivamente uma guerra econômica contra a Rússia em escala global, o que seria inimaginável um ano atrás. As consequências disso provavelmente nos acompanharão por décadas.

Esta nova Guerra Fria marca o fim de uma era de globalização e integração que forjava o sistema internacional desde 1989. Estamos vivendo agora em um mundo de competição entre grandes potências, nacionalismo econômico e desvinculação tecnológica. Os riscos desta nova guerra econômica podem não ser atômicos, mas são estratosféricos – incluindo para os Estados Unidos. As sanções contra a Rússia têm sido mais abrangentes do que qualquer um havia previsto anteriormente. Incluíram medidas excepcionais, como congelar as reservas do banco central russo e

extirpar os bancos russos do Swift, o sistema de mensagens financeiras que é parte vital da infraestrutura econômica global. E miraram vulnerabilidades cruciais de países em um mundo de cadeias de fornecimento globalizadas, negando à Rússia acesso a tecnologias avançadas.

O autor Chris Miller escreveu que “os setores mais gravemente afetados são de automóveis, caminhões, locomotivas e cabos de fibra ótica; todos viram sua produção cair mais de 50%”. As importações da Rússia também despencaram. Conforme aponta The Economist, quando analisamos alguns indicadores mais amplos da economia russa, vemos que eles estão se aguentando melhor do que o esperado. O Fundo Monetário Internacional tinha previsto que a economia da Rússia sofreria uma contração de 8,5% este ano. Desde então, a instituição revisou sua previsão para uma contração de 3,4%. A inflação subiu inicialmente, mas agora está abrandando.

As razões para a resiliência econômica dos russos são variadas. A Rússia, na verdade, não é uma economia tão globalizada, e o Estado tem uma presença enorme. Ambos os fatores isolam a população de percalços externos. A Rússia é uma economia com base em recursos naturais, um país cuja riqueza depende fortemente de suas exportações de petróleo, gás, níquel, alumínio e outras commodities. E essas exportações russas foram poupadas das sanções, pois o Ocidente percebe que o mundo depende desses recursos e bani-los castigaria tanto os consumidores quanto o país produtor.

As sanções de Washington foram bem planejadas e bem executadas, mas com uma exceção: energia. Se o objetivo é reduzir o lucro de Moscou com o petróleo, a estratégia sensata – assumindo que é impossível privar-se da produção russa ou acabar com ela – seria permitir que o petróleo fluísse sem restrições e, ao mesmo tempo, agir para reduzir a dependência do Ocidente em relação à energia russa. Dessa maneira, a oferta seguiria abundante e os preços seguiriam baixos. Em vez disso, os países ocidentais anunciaram um embargo sobre o petróleo russo.

O teto de preço proposto sobre o petróleo russo é um esforço para corrigir esse equívoco e essencialmente anular o efeito do embargo. Assim como o esforço para convencer Arábia Saudita e outros países do Golfo Pérsico a extrair mais petróleo, que fracassou. Os sauditas cometeram um erro de julgamento ao calcular a magnitude do impacto negativo de sua decisão em Washington, e isso causará uma ruptura nas relações entre os dois países. Mas o problema maior é a incoerente estratégia do Ocidente sobre energia. O Ocidente investiu menos do que o necessário na energia que usa hoje (combustíveis fósseis) com base em um pensamento mágico sobre a energia do amanhã (fontes renováveis) – o que surtirá realmente um efeito em escala depois de amanhã.

O maior perigo para os EUA é que grande parte desta guerra econômica é travada apenas por Washington, usando o status singular do dólar como arma. Em razão de os países necessitarem usar a única moeda verdadeiramente global, a ameaça de apartá-los dela permite sanções abrangentes, capazes de afetar mercadorias e serviços não produzidos nos EUA. O dólar atingiu uma alta recorde em duas décadas no mês passado por causa da falta de alternativas. Ao mesmo tempo, muitos países importantes – Arábia Saudita, os outros Estados do Golfo, Índia, Turquia, Indonésia e, principalmente, a China – buscam maneiras de se livrar da dependência do dólar e escapar do extenso alcance do poder econômico de Washington.

Conforme sugeri anteriormente, o presidente Joe Biden precisa fazer um discurso explicando que o único motivo de Washington estar empunhando essas armas é a natureza sem precedentes do desafio da Rússia à ordem internacional com base em regras – e os EUA jamais fariam isso em circunstâncias normais ou por interesses paroquiais.

Sempre que possível, Biden deveria tentar forjar a coalizão mais ampla possível. De outra maneira, mesmo se os EUA vencerem esta luta contra a Rússia, historiadores no futuro poderão recordar deste momento como o ponto em que países de todo o mundo começaram a reduzir sua dependência em relação aos EUA, em que Washington começou a perder o que um

presidente francês qualificou certa vez como o “privilégio exorbitante” de deter as reservas monetárias do planeta. •